

GEOGRAFIA E GÊNERO: A FORÇA DE TRABALHO FEMININA COMEÇA A SER INCORPORADA PELA MODERNIDADE TECNOLÓGICA NA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA NA MACROÁREA DE RIBEIRÃO PRETO – SP*

Área Temática: Población, género e identidad

Rosa Ester Rossini **
Universidade de São Paulo
rrossini@usp.br

Resumo: No cultivo da cana para produção e consumo do etanol, apesar das técnicas estarem evoluindo em uma progressão geométrica no atual período técnico científico informacional e da informatização, ainda permanecem, pelo menos, dois problemas que merecem consideração maior da sociedade e do Estado. São eles: o da força de trabalho de homens e mulheres, que não estão sendo preparados e ficam à margem do sistema, e o da poluição ambiental, apesar de propostas e políticas de solução cujos prazos são sempre prorrogados para sua implementação efetiva. São mais de 30 anos de pesquisa na macro área de Ribeirão Preto.

Utilizou-se sempre como metodologia da pesquisa a aplicação de questionários, entrevistas e histórias de vida. As mulheres foram sempre o alvo principal, e a pesquisa durante todo o tempo foi realizada em residências onde havia, pelo menos, uma mulher que exercia atividade de trabalho na agricultura canavieira.

O objetivo desta pesquisa, além de dar continuidade aos estudos nos quais se incluem também projetos dos orientandos (Iniciação Científica, TGI, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado), é a de aprofundar a discussão a respeito dos dois problemas levantados e constatar os avanços.

Os resultados até o momento demonstram que no oeste paulista já há 2 mulheres tratoristas e que nos cursos de preparação de mão-de-obra para operar máquinas sofisticadas estão aceitando inscrição de mulheres como estudantes. A pesquisa será realizada no período da colheita da nova safra de cana, muitas possibilidades de análise poderão desvendar as novas realidades e esperamos que não sejam só econômicas.

Palavras-Chave: agricultura canavieira; etanol; geografia e gênero; modernidade tecnológica na agricultura.

* Trabalho apresentado no XV EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina, Cuba, 2015.

** Professora Titular do Departamento de Geografia - FFLCH/ USP.

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, também conhecida pelo nome de Rio + 20, realizada em junho de 2012 no Rio de Janeiro, Brasil, imprimiu mais um marco nas discussões a respeito do futuro da humanidade com a presença de delegação de 191 países.

Um dos mais importantes pontos foi a tentativa de mudar o foco da análise, isto é, a de pensar uma vida possível para os seres humanos, a natureza e instituições onde o econômico não fosse a prioridade. Assim sendo objetivava que a economia se tornasse mais ecológica e humanizada (Jornal da USP – 2 a 8 de julho de 2012, p. 9).

Edgar Morin, pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique*, na França, defendeu nova ideia a qual também Milton Santos partilhava que era a solidariedade entre as nações.

A proposta mais inovadora que vem sendo aplicada no Butão, África, foi apresentada pelo Ministro Jigmi Thinley no dia do “encerramento do 12º Congresso da Sociedade Internacional de Economia Ecológica (Isee). Efusivamente aplaudido, Thinley mostrou as estratégias adotadas para implementar a Felicidade Interna Bruta (FIB) como indicador de prosperidade de seu país, no lugar do Produto Interno Bruto (PIB)” – Jornal da USP, 2 a 8 de julho de 2012, p.10.

A metodologia do FIB leva em consideração “alguns indicadores como o da violência, separações conjugais, uso de drogas e álcool e ainda inúmeros dados a respeito de educação e saúde”. No Brasil já há algumas experiências de pesquisa que estão sendo aplicadas em pequenas cidades pela Fundação Getúlio Vargas (Jornal da USP, julho de 2012, p.10).

Há quase 20 anos Milton Santos já estava preocupado com o tema quando escreveu o magistral livro: “A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção”, no qual discute também a questão da solidariedade objetivando a possibilidade da melhoria da qualidade de vida das pessoas subtendendo o alcance da felicidade e é veemente quando insiste na necessidade da diminuição do “pesar” os resultados apenas pelo viés econômico. Em entrevista recente o Prof. Paul Singer fala da necessidade da discussão da melhoria da qualidade de vida incluindo a importância do índice de felicidade.

É necessário que, no futuro próximo, a modernidade técnico científica crie possibilidades de introduzir nesses conceitos alternativas de inserção da classe trabalhadora que a cada dia tem ficado à margem da modernidade e cada vez mais distante do FIB. Os capitalistas levam sempre vantagens econômicas frequentemente com apoio do Estado brasileiro construindo um novo território com os olhos voltados para o mercado.

A modernidade tecnológica na agricultura canavieira tem mudado a face do Brasil. O início do novo século marca nova fase de desenvolvimento agrícola, biotecnológico, industrial,

logístico e gerencial, acompanhado por seu processo de expansão, concentração e internacionalização. O atual período técnico-científico tem como característica a reestruturação e a expansão da presença do capital internacional. Intensifica-se a diversificação produtiva, o refinamento técnico, o discurso do adequamento socioambiental ilustrados pelos selos sociais e ambientais. Nesta reestruturação homens e mulheres são gradualmente descartados e a substituição das pessoas ocorre via máquinas altamente sofisticadas. Ao mesmo tempo assiste-se a outras formas de organização do trabalho e das atividades vinculadas à produção familiar e aos assentamentos de reforma agrária.

Na atividade sucroenergética, paulatinamente os grupos familiares estão se associando a capitais intersetoriais e financeiros internacionais (maiores, mais capitalizados e mais transnacionalizados) que buscam tanto aumento da produtividade como da competitividade econômica expressa nas chamadas racionalidade: tecnificação; geração de poucos e novos empregos em substituição à volumosa utilização da mão de obra volante; difusão de usinas canavieiras. Nesse sentido, a nova face da agricultura canavieira é a de “criação de espaços nacionais da economia internacional” em nosso país (SANTOS E SILVEIRA, 2001). O acúmulo de ciência, técnica, informação e informatização na atividade canavieira possibilita forte acerto na previsibilidade de resultados (com isso a pobreza dos solos ou os rigores do clima afetam menos a produção) sendo, entretanto, atingidos por fortes crises internacionais cíclicas que afetam o setor.

O espaço geográfico tem um papel privilegiado na medida em que cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre passado e futuro, mediante relações sociais do presente que nele se realizam (SANTOS, 1996). Dentro desta perspectiva, para uma compreensão aprofundada desta nova fase da história, evidenciada por novos signos das firmas e a internacionalização da produção e do produto, necessita-se levar em conta os novos papéis do Estado; a tônica da circulação como fator essencial da acumulação; a revolução propiciada pela informação e sua manipulação, que liga instantaneamente os lugares graças aos avanços da informática; as possibilidades de produção de novas geografias evidenciadas pelas novas formas, produto do desenvolvimento tecnológico e social; a exploração humana generalizada e o seu oposto, isto é, os avanços dos processos de libertação evidenciados de um lado pela disseminação dos conflitos e de outro pela existência, em número cada vez maior, de organizações populares e sociais; a questão do meio ambiente e da qualidade de vida e saúde da população. Assim sendo, estudar a força de trabalho tanto de mulheres e homens e a luta pela sobrevivência na atividade da cana como daquelas pessoas que migram à procura de trabalho, o “novo” sindicato assistencialista e a questão agrária são responsabilidades do momento atual.

Após mais de 37 anos de pesquisa no agropaulista, a despeito de termos como área original de pesquisa a Macroárea de Ribeirão Preto, no transcorrer dos anos foram se extrapolando os

limites geográficos dessa região, inserindo-se a partir do grupo de estudos e pesquisas, áreas de estudo para o duplo questionamento inicial: o gênero e a força de trabalho. Mantendo a atividade canavieira e a região de Ribeirão Preto como elementos centrais da linha de pesquisa, ousamos ampliar tanto o viés, como a área de abordagem.

Nas relações de trabalho as discriminações e as desigualdades se tornam mais evidentes, assim como a diferenciação do trabalho masculino e feminino nas práticas de produção e a luta pela sobrevivência de homens e de mulheres no trabalho agrícola. Tais discussões estarão centradas, nas implicações da expansão e da modernização da cana.

As consequências para a mobilidade da força de trabalho também são objeto de atenção. As pessoas trabalhadoras da cana no Brasil vão e vem tanto nos períodos de safra e entressafra, criando íntimas relações entre lugares de origem e destino, como diariamente da periferia das cidades para o trabalho no campo. Vivem em condições precárias.

Em síntese, analisamos a condição de vida daquelas e daqueles que constituem parte da força de trabalho na monocultura de cana sob a ótica do desenvolvimento das relações de produção de que são vistas pelos empresários apenas pela ótica do capital. Tem-se a sensação de que é um ‘mar de cana’ que cresce a cada dia e que faz alimentar os ‘rios de etanol’ não só na área, como no estado, como no país... e que exaure as pessoas trabalhadoras (Silva, 2004, 1999). O papel da família, da mulher e do homem no trabalho agrícola tem sofrido profundas transformações, em especial na lavoura da cana. Por outro lado, como alternativa de sobrevivência os/as migrantes vendem sua força de trabalho em diversas atividades. As relações de trabalho são profundamente alteradas. A terceirização das atividades é evidente.

Cerca de 70% da cana hoje é colhida mecanicamente no Estado de São Paulo. A colheita manual se reduz a cada dia na mesma proporção do aumento da tecnificação. Homens e mulheres são convidados para o trabalho e a produtividade média é de 12 toneladas dia. Não são raros os casos de a produtividade dia ser superior a 30 toneladas. É comum o trabalho ser apenas o de cortar a cana que a máquina não conseguiu colher porque o terreno era pedregoso ou a declividade era superior a 12 % naquele eito ou ainda porque a cana estava tombada/caída. Neste caso a produtividade cai para 2, 4 ou 5 toneladas reduzindo, portanto, a renda do dia. O uso de isotônico é prática comum oferecida pelos empreiteiros às pessoas trabalhadoras para evitar câimbras (Rossini, 1999, 2006, Freitas, 2014).

É neste panorama de esperança e desesperança que estamos realizando há mais de 37 anos, pesquisa na macroárea de Ribeirão Preto, SP, com a cultura da cana, altamente tecnificada e cujos olhares do país estão voltados ao aproveitamento econômico deste produto para o desenvolvimento de subprodutos, dentre eles o etanol, a energia elétrica, a torta para alimentação do gado, etc.

Desde 1977, 1985/86, 1995/96, 2003/06 e 2010/2013, foram feitas pesquisas com 43, 38, 42, 57 e 48 famílias, respectivamente, contendo pelo menos uma mulher na família que empregava sua força de trabalho na atividade ligada à agricultura canavieira, para se verificar, entre outros aspectos, a sobrevivência da família.

Em todos os momentos, a preocupação deste estudo vincula-se ao aspecto qualitativo, expresso pelo reduzido número de 228 famílias pesquisadas em profundidade. Acrescente-se ainda o fato de que dada a característica que se tornou mais expressiva a partir dos anos 1960 - ou seja, a residência urbana e a migração pendular em função do processo de intensificação do capital no campo - a residência na periferia da cidade, por ser mais econômica, foi a opção para boa parte desta população trabalhadora, considerando que esta opção foi compulsória motivada pela eliminação dos residentes no campo e ocupando o espaço com o cultivo de monoculturas.

O desenvolvimento técnico científico e informacional no Estado de São Paulo intensificou, desde a década de 60, a aceleração do processo de urbanização de modo que a população rural em 2010 era de apenas 4,12%.

A relação de trabalho está deixando de ser apenas de patrão/empregado, pois a terceirização vem assumindo cada vez mais papel de destaque. À pessoa trabalhadora registrada eram assegurados direitos trabalhistas como férias, 13º salário, descanso semanal remunerado, 120 dias de licença-gestante. Desde a década de 90, devido à modernidade tecnológica, vem sendo dificultada a garantia do emprego e ocupação. Hoje a grande luta é pelo trabalho. (CACCIAMALI, 2001; ABREU e SORJ, 1994; SILVA, 1999).

Quando são recrutados homens e mulheres para o trabalho por produtividade, não há discriminação em relação à remuneração, pois o rendimento diário depende da capacidade e habilidade de cada um. Em média, cortam-se de 10 a 12 toneladas de cana por dia. Algumas mulheres cortam menos, outras mais. É muito comum homens e mulheres serem roubados na avaliação da quantidade de cana cortada por parte do fiscal, denominado “líder de equipe agrícola”, responsável em passar o controle da quantidade de cana cortada ao final de cada dia de trabalho. Isso nem sempre acontece. É habitual receberem, no final da semana ou da quinzena, o salário sem terem recebido a “papeleta” do quantum cortado.

É muito difícil levantar informações quanto aos rendimentos das pessoas oriundas do trabalho: ou não informam, ou aumentam, ou diminuem e raramente fornecem o solicitado corretamente. É uma inibição natural do ser humano e muito maior ainda daquele que sente que suas condições são efetivamente precárias. Assim mesmo, constatou-se que, apesar de não haver no discurso discriminação entre o trabalho das mulheres e dos homens, essas em geral recebem menos, quando contratadas por salário. Quando contratadas apenas por produtividade, o rendimento depende da capacidade individual. Fez-se estudo do rendimento médio mensal em salário mínimo

(SM) vigente à época de cada pesquisa e chegou-se ao seguinte resultado: em 1977, os homens recebiam 1,3 SM e as mulheres 0,85 SM; para 1985/86, a situação melhorou sensivelmente, mas isto não quer dizer que seja boa: 1,8 SM para os homens e 1,4 SM para as mulheres; em 1995/96, teve-se 2,3 SM para os homens e de 2,1 SM para as mulheres; e em 2003/2006, o salário médio pago foi de 1,7 SM para os homens e 1,3 SM para as mulheres. Em 2010/2013 constatou-se que o salário médio das mulheres era ainda de 1,3 SM em 2010/12 não foram entrevistados homens. Em 2010/2013, 37 mulheres responderam a questão sobre a forma de pagamento do seu salário, destas, 64,9% recebiam quinzenalmente, 21,6% mensalmente 13,5% semanalmente.

Devido à dificuldade de engajamento na força de trabalho ocorrida, sobretudo por conta da modernidade tecnológica, o salário médio, tanto para os homens quanto para as mulheres caiu consideravelmente visto o elevado número de pessoas que postulava postos de trabalho. É habitual trabalharem homens e mulheres apenas por meio período do dia cortando as canas que a máquina não conseguiu realizar (declividade do terreno, pedras no solo e canas tombadas). O salário mensal dos operadores de máquina é aproximadamente de 8 a 10 SM mensal.

A mulher, quando absorvida pelo mercado de trabalho rural ou urbano, tende a ser integrada em atividades que guardam “certas especificidades femininas”. Em primeiro lugar, sua entrada na força de trabalho era considerada como ajuda. Posteriormente, como sua atividade passou a ser considerada também por ela como trabalho, o conceito de divisão de tarefas por sexo ficou evidente. (BINI, 2008).

As tarefas agrícolas básicas necessárias ao cultivo da cana são as seguintes: preparação do solo, plantio, tratos culturais e colheita.

A preparação do solo, regra geral, é realizada nos meses de novembro e dezembro, embora hoje ela se distribua por mais meses, dado o estudo desenvolvido de novas variedades. Essa atividade compreende aração, calagem, gradeação e locação de curva de nível. Todo este trabalho é feito com máquinas, envolve poucas pessoas e é realizado apenas por homens. Não se tem conhecimento de mulheres operando máquinas na qualidade de assalariadas. Há informação que, em 2009, na área de Araçatuba algumas mulheres foram contratadas como operadoras de máquinas colheitadeiras e hoje na macro área de Ribeirão Preto elas estão presentes, apesar do número ainda não ser expressiva.

O plantio se estende por 3 a 4 meses no ano, de janeiro a março-abril. Com o avanço tecnológico e novas variedades sendo postas no mercado, provavelmente esta atividade possa ser feita durante o ano todo. Atualmente ela é realizada basicamente com máquinas, pode ocorrer que parte do processo seja feito com trabalho humano direto, empregando homens e mulheres.

A etapa de tratos culturais corresponde à carpa, adubação em cobertura, combate às formigas, enleiramento da palha, conservação do carreador. A carpa tem eliminado o emprego da mão-de-obra a partir da utilização tanto da mecanização como de herbicidas químicos. Na realidade, essa etapa funciona com frequência como estratégia de manutenção da mão-de-obra que será aproveitada no período do corte. É uma atividade desenvolvida tanto por homens como por mulheres.

A terceira tarefa, a do corte, pode ser no todo, ou em parte, mecanizada, dependendo do terreno. No caso dele ser plano e as canas não estarem tombadas, o corte pode ser integralmente mecanizado. No caso de ser efetuada a atividade utilizando as pessoas trabalhadoras há necessidade de forte contingente de mão-de-obra e demora cerca de 6 a 8 meses, geralmente de maio a novembro. Conforme ressaltado, em função da introdução de novas variedades, há uma tendência de que o mesmo se prolongue por todo o ano. Além disso, no início do ano, faz-se também o corte para o plantio de mudas.

Em algumas usinas, a colheita mecanizada já está sendo empregada em 70% das atividades de corte, sendo que a média é de 40%. Como resultado da acentuada modernização técnico-científica, atualmente existem propriedades que não queimam a cana para melhor aproveitamento dos sub-produtos como por exemplo a torta, a produção de energia elétrica, a produção de plástico, etc. Em 2009 atendendo às recomendações emanadas do Protocolo de Kyoto estabelecem-se que nas áreas planas de cultivo da cana o corte mecânico deve ser de 100% em 2014. A preocupação ambiental atinge a produção agrícola como um todo. Desde 1988, a legislação para a cana-de-açúcar no Estado de São Paulo vem sendo aperfeiçoada quanto à queima da palha da cana. A lei nº 11.241 dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha, determinando que até 2021 todas as áreas mecanizáveis não deverão efetuar essa queima; dispõe também que, até 2031, tanto as áreas não-mecanizáveis, com percentual de declividade superior a 12%, como os cultivos com áreas inferiores a 150ha, terão que se adequar ao estabelecido. (PACCELLI & BRAY, 2006)

“A fuligem que sobe ao céu durante a queima da palha da cana-de-açúcar no campo durante a colheita e pousa no chão em forma de finos flocos escuros carrega em sua composição cerca de 70 produtos químicos, prejudiciais ao ambiente pela liberação de gases que contribuem para o efeito estufa e causam sérios problemas respiratórios para a população exposta”. ERENO, Dinorah “Aproveitamento Total” In: Revista FAPESP, edição 154. Dezembro de 2008, pp. 94 a 98).

O avanço técnico-científico tem possibilitado a transformação da palha da cana em bio-óleo, carvão siderúrgico, carvão de sílica e, futuramente, em etanol, além da forragem verde para alimentação animal. (ROSSINI, 2009)

Nas pesquisas realizadas em 1977, 1985/86, 1995/96 e 2003/2006, não foram encontradas mulheres com a função de empreiteiras, fiscais ou líderes de equipes agrícolas. Elas eram, além de trabalhadoras, donas de pensão e prostitutas. Em 2009 já se teve notícias das mulheres operando máquinas em Araçatuba. Na pesquisa em andamento – 2014 – já é possível encontrar mulheres operando máquinas colheitadeiras, pois algumas têm sido aceitas para frequentarem cursos que as qualifiquem para esse tipo de atividade. (FREITAS, 2013; BINI, 2008).

Na produção da cana-de-açúcar a jornada de trabalho é mais longa do que na cidade, sem contar a dependência do transporte para conduzir trabalhadores e trabalhadoras até o local de trabalho. Conforme as pesquisas demonstraram, o tempo despendido nesse percurso varia de 30 minutos a 1h30min. Hoje o transporte das pessoas é feito principalmente por ônibus. Como acontecia nos caminhões, nos ônibus também existe verdadeira disposição sexual dos lugares: as mulheres sentam-se nos bancos da frente e os homens, nos bancos de trás. As pessoas trabalhadoras se sentem mais valorizadas no “conforto” propiciado pelos ônibus, embora os veículos sejam sempre de péssima qualidade.

Percebe-se claramente uma evolução na vida e no discurso dos trabalhadores: por exemplo, falam da melhoria no transporte, apesar da separação homem/mulher; utilizam mochila no lugar do “embornal”; usam garrafão térmico para transporte da água no lugar dos perigosos garrafões de vidro; suas necessidades fisiológicas são feitas em banheiros apropriados ao invés do “mato”. (ROSSINI, 1999, 2007).

No caso específico da dupla jornada de trabalho, verifica-se que a mulher, após um longo dia de trabalho na cana, continua sem descanso, tendo que “enfrentar a casa”, isto é, as chamadas “atividades não-produtivas”: produção de valores de uso e prestação de serviços na unidade doméstica (POSTHUMA & LOMBARDI, 1997; SILVA, 1999; ELIAS & SAMPAIO, 2002).

Com a entrada da mulher na força de trabalho, agora migrando de casa para o trabalho fora do lar, a atividade doméstica passou a ser considerada secundária e realizada nas horas extremas, muito cedo ou à noite, ou no final do sábado e domingo, pois é indispensável para a reprodução da família. Seu tempo de repouso passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem ele permanece quase o mesmo, pois após sua longa jornada de trabalho, ele chega em casa e aguarda o jantar. São poucos os que colaboram no trabalho doméstico e, raramente, os que dele participam. Nos finais de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola e/ou ficar no bar conversando e bebendo. Enquanto isso, a mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão, cuida das crianças. Trabalho desempenhado por ela, com a rara colaboração da sogra, da mãe, da irmã, das cunhadas, dos companheiros, dos irmãos, etc. Quando as filhas começam a crescer já recebem alguns encargos: inicialmente, cuidam dos irmãos menores e arrumam a cozinha; depois, dividem aos poucos os “encargos” da mãe até o momento em que saem

para trabalhar na roça ou outro trabalho na cidade, ou migram, ou saem de casa para casar. Os meninos seguem a mesma história familiar: acompanham o pai no lazer; fazem pequenos encargos de compras para casa; aguardam a mãe ou irmã lhes trazer a comida, dar roupa para trocar, etc; precocemente, iniciam a atividade laboral.

A queda recente na qualidade da alimentação é grande, embora maior número de pessoas esteja sendo obrigada a tentar a entrada na força de trabalho. A carne de frango é consumida com bastante frequência, pois o quilo dela equivale, praticamente, ao preço do quilo de batata, de arroz ou mesmo de um pé de alface.

Algumas usinas ou empresas de trabalhadores rurais estão fornecendo reforço alimentar: pela manhã, leite de soja bem doce para energizar a pessoa trabalhadora e pão e ao meio-dia, sopa, suco também muito doce, etc. Muitas empresas “oferecem” marmitex. Há também o reforço com isotônico para evitar câibras (SAMPAIO, 2006). O enorme esforço físico para aumentar individualmente o número de toneladas de corte diário da cana tem provavelmente provocado a morte de muitos trabalhadores. Maria Aparecida Moraes Silva tem denunciado este fato. De 2004 até a safra de 2005 ocorreram treze mortes nos canaviais motivados por ataque cardíaco, muito provavelmente pelo excesso de trabalho (SILVA, 1999, 2004). Os exemplos se repetem de morte nos canaviais e quando isso ocorre “prontamente” a empresa recolhe a carteira para registro e posterior indenização, caso contrário, as multas seriam muito maiores.

Anteriormente as pessoas trabalhadoras levavam café para beberem durante o trabalho. Com o aumento relativo do preço do produto e o rebaixamento salarial, mais evidente a cada dia, o café tem sido substituído por chá ou “ki-suco”.

Ribeirão Preto é o centro escolhido para compras gerais ou de algum produto específico e a alegação é que fica “mais em conta”.

Em relação aos “bens possuídos” pelas famílias, percebe-se o aumento percentual daquelas que passaram a possuir geladeira, fogão a gás, bicicleta. Caiu o número de famílias com máquina de costura e rádio a pilha. No primeiro caso, a disseminação do hábito de comprar roupa pronta deve ter contribuído bastante, e no segundo, a presença de “aparelhos de som” e a aquisição de televisão deve ter concorrido para a diminuição dos outros itens. Infelizmente não foi perguntado nada sobre estes novos equipamentos, mas nas entrevistas ficou clara esta nova dinâmica. A televisão aparece em 1977 em 58% das residências, em 2003/06 em 88,8% e em 2010/12 em 100% das residências. Em 1977 apenas 20,9% possuíam geladeira, 88,8% em 2003/06 e 100% em 2010/13. Em 2003/06, 44,4% dos pesquisados já possuíam bicicleta. Na pesquisa de 2003/06 a presença do computador já é uma realidade de 18%, para 2010/13 os percentuais foram menores. Os telefones celulares não apareciam em 2006, hoje estão presentes em 87,2% das famílias. O desenvolvimento técnico-

científico e o aumento da demanda possibilitaram a popularização de determinados bens, que possuem maior valor agregado (SANTOS, 1996).

De acordo com as entrevistas realizadas, a dupla jornada de trabalho persiste nos discursos. A migração de atividade e de local de residência para melhoria da qualidade de vida são tônica constante para homens e mulheres. Muitos dos que querem continuar na agricultura pensam em partir para os assentamentos e, futuramente, conquistar um lote de terra familiar.

Percebe-se também que as perspectivas para o futuro não são otimistas para os adultos, pois suas possibilidades de engajamento laboral são cada vez menores devido à sua baixa formação profissional. No entanto, os jovens pensam efetivamente em uma profissionalização que os integre no mercado de trabalho e o caminho parece ser o da educação formal, acompanhada da formação para o trabalho.

Por parte de todas as pessoas pesquisadas, existe certa rejeição ao trabalho braçal na lavoura. Os homens se veem trabalhando no setor terciário como pedreiros, carpinteiros, pintores ou mesmo em escritórios. As mulheres se veem trabalhando no magistério, como balconistas, atendentes, etc, pois não gostariam de ser empregadas domésticas porque consideram a atividade mal remunerada e uma “prisão”. No entanto, são homens e mulheres, trabalhadores das lavouras da cana-de-açúcar, que veem minguadas as possibilidades de trabalho apesar da expansão produtiva da cana. Sabe-se que essa expansão, que vem ocorrendo com forte teor de tecnificação, necessitará, em curto e médio prazo, de mão-de-obra tecnicamente preparada e qualificada, excluindo aqueles que não acompanharam a evolução dos tempos.

Referências Bibliográficas

- ABREU, J.; Sorj, B. Informalidade e precariedade: gênero e raça no Brasil em 1990. IV Conferência Internacional da Mulher (Pesquisas, 1995). Rio de Janeiro: IPEA, 1994 (Série Seminários, nº 7).
- BINI, D.L.C. “Mudanças históricas e implicações sócio-espaciais na composição das atividades agropecuárias hegemônicas na região de Araçatuba(SP)”. Tese de Doutorado. São Paulo, 2008.
- CARAN, V. C. S., “Contexto de vida e trabalho de mulheres cortadoras de cana-de-açúcar” Tese de doutoramento defendida na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP, 2012.
- CACCIAMALI, M. C. Informalidade, flexibilidade e desemprego - necessidade de regras e políticas públicas para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania. **GEOUSP Espaço e Tempo**. Revista do Departamento de Geografia, vol. 10, Humanitas - FFLCH, USP, 2001, pp. 77-90.
- ELIAS, D. et SAMPAIO, J.L.F. (orgs.) **Modernização excludente**. Edições Demócrito Rocha. Fortaleza, 2002.
- FREITAS, E. P. de, ROSSINI, R. E. e VALE, M. M. A. A. U. Q. O poder das empresas transnacionais sobre o território brasileiro. Reflexões a partir do sector sucroenergético. In: Anais do XIII Colóquio Internacional de Geocrítica - El control del espacio y los espacios de control. Universitat de Barcelona, 2014

- FREITAS, Território, poder e biocombustíveis as ações do Estado brasileiro no processo de regulação territorial para a produção de recursos energéticos alternativos, Tese de Doutorado, São Paulo, 2013
- FIBGE. **Censos Demográficos e PNAD**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 01/03/2011.
- _____. **Contagem da População 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: setembro 2009.
- MARTINS, J. S. A Sociedade do abismo - novos estudos sobre exclusão, pobreza e classe sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- PACCELLI, E. e BRAY, S.C. “As transformações técnicas na agricultura canavieira: um estudo do setor canavieiro de Araras/SP. In: GERARDI, L.; CARVALHO, P. (orgs.), **Geografia: ações e reflexões**. Rio Claro: UNESP/IGCE: AGETEO, 2006, p. 203-215.
- POSTHUMA, A. C.; LOMBARDI, M. E. 1997. Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, nº 1, pp. 124-131, jan-mar, 1997.
- REVISTA PESQUISA** - FAPESP. São Paulo, SP. Dezembro 2008.
- _____. São Paulo, SP. Julho 2007.
- ROSSINI, R.E. “Internacionalização e modernização: os anos 60 a 80”. In: BRIOSCHI, L.R. et BACELLAR, C.A.P. **Na Estrada do Anhanguera. Uma visão regional da história paulista**. Humanitas, São Paulo, 1999. pp. 203 a 240.
- ROSSINI, R.E. “Mulheres e homens na força de trabalho na agricultura: o exemplo da macro-área de Ribeirão Preto (SP) 1977-2006”. In: **Anais do Encontro Nacional da ABEP**, Caxambu, MG. 2006.
- SAMPAIO, M.A.P. Morro Agudo, o maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil – Inter-relações entre local, regional, nacional e global. São Paulo, TGI (DG/FFLCH/USP), 2006.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Hucitec, São Paulo, 1996.
- SANTOS, M. e SILVEIRA, M.L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SILVA, M. A. de M. “Cortadores de cana têm vida útil de escravo em SP”, In: Informativo do Centro de Estudos Migratórios Madre Assunta – ano 7, n. 90, maio de 2007. Disponível em URL: [HTTP:// www.msos.org.br](http://www.msos.org.br)
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: UNESP, 2004.
- WAJNMAN, S.; Perpétuo, I. H. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Nova Economia**, vol. 7, nº 1, maio de 1997. Belo Horizonte. Brasil, pp. 123-147, 1997.
- WAJNMAN, S.; Queiroz, B. L; Liberato, U.C. **O crescimento da atividade feminina nos anos noventa no Brasil** in XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. População: Globalização e Exclusão. ABEP - Caxambú - Minas Gerais, pp. 2429-2454, 1998.